

Mechtilde Lichnowsky – um caso de “insucesso escolar”?

Anne Martina EMONTS
Universidade da Madeira (Portugal)

Resumo

O trabalho, que apresentei como dissertação de doutoramento, em 2005, tem o carácter de uma monografia sobre Mechtilde Lichnowsky (1879-1958). Todavia, há, certamente, uma relação entre o objecto de investigação e os métodos de aproximação que escolhi.

Trata-se de uma figura multifacetada da Cultura Alemã, que não só escreveu em várias línguas e cultivou diversas artes, mas que também viveu em diferentes culturas. Publicou nada menos do que dezoito livros, que, na época, obtiveram reconhecimento. Fez parte da alta nobreza europeia, tendo tomado posição política **contra** qualquer dominação. Subjacentes a toda a sua obra e à minha análise, **estão**, por um lado, a questão das razões do insucesso sistemático da comunicação humana e, por outro, a do insucesso sistemático de textos.

Nesta breve comunicação, procuro, centrada na análise do seu romance *Kindheit* [Infância] (1934), focar alguns aspectos do “insucesso escolar” desta autora de identidades múltiplas no contexto europeu e mundial, descrito na sua obra. Reflecte sobre o assunto, quer numa perspectiva pedagógica, quer do ponto de vista do discurso da diferença entre os sexos.

Résumé

Mechtilde Lichnowsky – un cas d’ “insuccès scolaire”?

La thèse de doctorat, défendue en 2005, a pris la forme d’une monographie sur Mechtilde Lichnowsky (1879-1958). Il y a cependant un rapport entre l’objet de la recherche et les méthodes de proximité choisies.

Il s’agit d’une figure de la Culture germanique, aux multiples facettes, qui, non seulement a écrit dans plusieurs langues et cultivé divers arts mais, qui a aussi vécu dans différentes cultures. Elle a publié rien de moins que dix-huit livres, qui, à l’époque, ont été amplement reconnus. Elle a fait partie de la haute noblesse européenne, ayant pris une position politique contre n’importe quelle domination. Sous-jacentes à toute son oeuvre et à mon analyse, sont, d’un côté, la question des raisons de l’insuccès systématique de la communication humaine et, de l’autre, celle de l’insuccès systématique des textes.

Avec cette brève présentation, je prétends me concentrer sur l’analyse de son roman *Kindheit* [L’Enfance] (1934), aborder quelques aspects de l’ “insuccès scolaire” de cet auteur féminin, aux identités multiples, dans le contexte européen et mondial, décrit dans son oeuvre. Mechtilde Lichnowsky réfléchit sur le sujet, aussi bien dans une perspective pédagogique que d’un point de vue du discours de la différence entre les sexes.

«Angèle ensina a tricotar. Agora saber-se-á tudo: a criança de cinco anos é uma rapariga. Isto é o pior que pode acontecer a um ser humano.» [*Angèle lehrt stricken. Jetzt kommt alles auf, das Fünfjährige ist ein Mädchen. Das ist das Entsetzlichste, was einem Menschen geschehen kann.*] (Lichnowsky, 1952, p. 21)

Angèle é a *gouvernante* da jovem Christiane, figura principal de um romance considerado autobiográfico de Mechtilde Lichnowsky (1879-1958), que é forçada a aprender a tricotar, como todas as outras meninas, e começa a sua educação sexuada que determina, portanto, o “destino escolar” da educanda, e que terá a sua continuação, “naturalmente”, num colégio-internato de freiras, em que os verdadeiros interesses da aluna serão reprimidos.

Quem é Mechtilde Lichnowsky? O que uma escritora esquecida tem a ver com o assunto em causa neste colóquio: as relações entre Educação e Cultura na perspectiva da “questão do género”?

Trata-se de uma personalidade multifacetada da Cultura Alemã, que não só escreveu em várias línguas e cultivou diversas artes, mas que também viveu em diferentes culturas. Publicou nada menos do que dezoito livros, que, na época, obtiveram reconhecimento. Fez parte da alta nobreza europeia, tendo tomado posição política contra qualquer dominação, concretamente, contra o regime nazi.

Subjacentes a toda a sua obra e à minha análise, estão, por um lado, a questão das razões do insucesso sistemático da comunicação humana e, por outro, a do insucesso sistemático de textos, ou seja, irei falar do termo “insucesso escolar” num sentido metafórico, abrangente, lato. O chamado “insucesso escolar”, no âmbito das ciências de cultura e literatura, tem a ver, obviamente, com a questão do cânone cultural e literário (e até atinge, no caso de Mechtilde Lichnowsky, a questão da censura)¹.

Não nego que Pierre Bourdieu, em especial o seu livro *A dominação masculina*, continua a inspirar o meu trabalho de investigação: o facto inegável da leitura sexuada do mundo². A imposição do chamado *gender mainstream*, que foi pensado em prol de equilibrar a assimetria entre os direitos dos diferentes géneros, ainda não realizou os seus objectivos. Pelo contrário.

Mechtilde Lichnowsky rejeitou, há um século, qualquer relevância do género em todos os âmbitos. Porém, centrou o seu discurso na diferença. Parece-nos um procedimento paradoxal. Tentarei, nesta pequena intervenção, analisar este *paradoxon* e demonstrar a sua actualidade.

Há, certamente, razões biográficas, sociais e políticas para uma leitura diferente de obras femininas. No caso em estudo, o de Mechtilde Lichnowsky, as possíveis razões parecem ser ainda mais graves: o papel de uma mulher da alta nobreza de então era outro e a *libertinage* vivida por Mechtilde Lichnowsky não coincidiu com os padrões culturais de então.

¹ O insucesso escolar masculino está, actualmente, a ser discutido na Alemanha. Criticando os representantes do *gender mainstream*, não se procura a solução na criação de um equilíbrio nos quadros de poder, mas sim, numa mudança dos métodos na escola: pretende-se, ‘masculinizar’ o ensino, ou seja, corresponder pedagogicamente à diferença entre os sexos e adaptar os métodos de ensino aos rapazes, integrando, também, mais professores e educadores masculinos no ensino escolar.

² BOURDIEU (1997) e EMONTS (2001).

Uma recensão contemporânea, de Kurt Tucholsky, sobre o primeiro livro publicado da autora (*Götter, Könige und Tiere in Ägypten*, 1913) diz-nos muito sobre a pessoa em questão:

«Além disso, ela sabe escrever. E pensar. E ver. Em síntese: não é mulher.»
[*Außerdem kann sie schreiben. Und denken. Und sehen. Kurz: keine Frau.*]³

Mais adiante, na mesma recensão, refere-se à própria autora como “Lichnowsky – nomes de mulher sem artigo soam a forma masculina – (...)” [*Lichnowsky – Frauennamen ohne Artikel klingen so schön männlich – (...)*]⁴

Os críticos mostram-se surpreendidos que uma mulher ousasse escrever um livro sobre a cultura do Egípto – âmbito entregue aos historiadores, carregado(s) de ciência⁵. Nota-se: “É o livro de uma mulher, que conheceu o Egípto antes de o visitar”, porque “tem frescura e alegria, juventude e fragrância, entusiasmo e poesia.” O livro, como assinala o crítico, “é cantado”; ainda segundo ele, “esta mulher respira música por todos os poros, porque é alemã.” O Egípto deixou de ser um pergaminho perdido no pó das bibliotecas, tendo despontado “em paralelo com a alma do Egípto dos primórdios, a alma de uma Senhora muito moderna (...). Dele irrompe uma vitalidade latente, subjectiva, estabelecendo vínculos pessoais.”⁶

Citei apenas um exemplo de uma recensão do seu primeiro livro, de 1913, de entre muitas parecidas. É invulgar que uma mulher se debruçasse sobre este assunto, e, em primeiro lugar: a escrita é invulgar. Os traços inovativos do texto, em termos formais e de conteúdo, não são analisados, mas sim “feminizados”. São atribuídos ao livro e à escritora propriedades e qualidades femininas: é um livro feminino de uma “Senhora”.

Um dos resultados da minha análise de centenas de recensões literárias sobre as obras da autora em causa (Emonts, 2005) é o seguinte: não há nenhuma recensão (!), que possa ser considerada como neutra em relação à questão do género, seja ela positiva ou negativa. Livros de autoria feminina são, nos inícios do século XX, normalmente criticados numa rubrica à parte: “Literatura de mulheres” (“*Frauenliteratur*”), o que significa uma desqualificação automática. É usual a caracterização da escrita com atributos femininos, numa panorâmica entre ‘Santa’ e *femme fatale*⁷.

O facto de Mechtilde Lichnowsky, no seu livro mais conhecido e destacado – entre outros por Theodor W. Adorno – *Der Kampf mit dem Fachmann* (1924), responder, de forma satírica, a uma crítica literária, demonstra a importância, que a crítica literária obteve no início do século XX. Resumindo, constato mais

³ Peter Panter [d.i. Kurt Tucholsky] „Die ägyptische Königstochter“ in *Die Schaubühne*, 28.8.1913 (= TUCHOLSKY (1960) GW, Bd. 1, 1907-1924, 82f.).

⁴ *Ibidem*.

⁵ IP. Z.] „Götter, Könige und Tiere“ in *Neue Freie Presse*, Wien, 12.10.1913, Literaturblatt, 31.

⁶ „Es ist das Buch einer Frau, die Ägypten kannte, bevor sie seinen Boden betrat“, denn das Buch „hat Frische und Freude, Jugend und Duft, Enthusiasmus und Poesie“. Es sei „gesungen“, wie der Kritiker bemerkt, „Denn diese Frau ist deutsch, ist voller Musik.“ Ägypten sei plötzlich kein altes, verstaubtes Pergament mehr, sondern es entstehe „neben der Seele des uralten Ägypten die Seele einer sehr modernen Dame. [...] Überall bricht eine latente, subjektive Vitalität hervor und stellt persönliche Beziehungen her“; *Ibidem*.

⁷ Um destino parecido teve a artista René Sintenis: *vd.* Emonts 2005.

um *paradoxon*: os textos de Mechtilde Lichnowsky caracterizados como “obra feminina” por não corresponder a parâmetros femininos – e aos parâmetros literários estabelecidos pela ciência masculina⁸. Pelo facto de não representar uma ‘escrita feminina’, são criticados e banalizados com o argumento da sua ‘femilidade’.

Em 1921, Mechtilde Lichnowsky tinha publicado um romance modernista, *Geburt* [Nascença/Nascer], que contém muitas passagens de reflexão sobre educação sexual, por exemplo a seguinte: Albert, uma das figuras principais, acompanha a sua tia Isis (segunda figura principal), que pretende comprar um jogo numa determinada loja:

«Ainda antes de termos entrado na loja, já ela me dissera: “Vais ver, a primeira coisa que me vão perguntar, é: “Meninos ou meninas?” Ela tinha razão. Fomos recebidos precisamente assim. As pessoas estão condicionadas dessa forma; muito antes de o cliente expressar aquilo que deseja, já eles, como brinquedos de corda, automaticamente, querem saber o sexo da criança.» *Noch bevor wir im Laden waren, sagte sie mir: “Du wirst sehen, das erste, was man mich fragt, ist: „Knaben oder Mädchen?“ “Sie hatte recht. Wir wurden damit empfangen. Die Leute sind so eingestellt; noch ehe sie die Wünsche des Käufers vernommen haben, müssen sie, so wie sie nun einmal aufgezogen sind, schnurren und nach dem Geschlecht fragen.”*] (Lichnowsky, 1935, p. 150)

Segue-se uma odisseia absurda e cómica através dos vários departamentos da grande loja, que é dividida em departamentos para meninas e meninos. Isis, finalmente, exige da vendedora um jogo para hermafroditas que tenham entre dez e treze anos [“*Zwitzer von zehn bis dreizehn Jahren*”] (*op. cit.*, p. 151) e, de imediato, surgiram-lhe jogos de todas as espécies imagináveis.

O que Mechtilde Lichnowsky nos demonstra, já em 1921, de forma satírica, é a percepção sexualizada do mundo em âmbitos, onde a mesma não deveria ter lugar. O episódio tem um vasto significado simbólico: a divisão de jogos por sexos diferentes é absurda. Um jogo é um jogo, qualquer pessoa sabe jogá-lo, e um jogo deveria estar à disposição de todos. As mulheres saem prejudicadas, porque são privadas do acesso a determinados “jogos”, são condicionadas para determinados papéis na sociedade, e não são preparadas para desenvolver a sua própria personalidade. Mechtilde Lichnowsky sofreu, ao longo da sua vida, as limitações impostas às mulheres. Mas nunca lutou publicamente ou como feminista pelos seus direitos – muito pelo contrário: até assume o papel da ‘acusação da vítima’, como Pierre Bourdieu iria formular. Exprime, em cartas privadas e nas suas obras, antes um ódio contra mulheres. Assim como a autora já no seu livro sobre o Egipto, de 1913, denunciara a inutilidade de selins à inglesa (!), a autora irá rejeitar a eternização de padrões sexuanes. Resume a sua posição, em *Der Kampf mit dem Fachmann*, de seguinte forma:

«Então, será que se é obrigado a ser exclusivamente, dia e noite, homem ou mulher? Sempre que falo, não sou nem um nem outro; da mesma forma que falo, ajo.» [*“Ja muß man denn Tag und Nacht ausschließlich Mann oder Frau sein? Wenn ich spreche, bin ich keins von beiden; so, wie ich spreche, so handle ich.”*] (Lichnowsky, 1952, p. 133s.)

Para o ano de 1921, esta afirmação parece-me bastante avançada. O *logos* e a língua não têm sexo. Fazendo parte da sociedade linguística humana, o papel do meu “género” torna-se pouco relevante: o meio, que utilizamos, é neutro no que diz respeito ao sexo.⁹ Os *falantes*, assim Lichnowsky, não representam um determinado papel social, mas *querem* esclarecer um assunto, *querem* comprar um jogo, um chapéu, uns sapatos etc. Visto que todo discurso é acção, agem como seres humanos e não como “homens” ou “mulheres”¹⁰.

Possuímos mais uma reacção empenhada da autora a uma recensão de dois dos seus livros, redigida pela mesma “senhora crítica”, em que aprofunda a sua perspectiva em relação à questão do género:

«Perguntei muitas vezes a mim própria por que razão os jornais e as revistas procuram, afritivamente, de preferência *mulheres* para fazer crítica literária a obras de seres humanos do sexo feminino. Como se sabe, existe uma rubrica especial, designada por “livros de mulheres”; mas será que também se fala de livros de homens? Graças a Deus que, infelizmente, ninguém se lembrou de tal, apesar de ser muito instrutivo averiguar se foram homens que escreveram a “Divina Comédia”, o “Rei Lear”, “Serenidade do alto das montanhas”¹¹, ou se foi o génio divino em forma humana.» [*Ich habe mich oft gefragt, weshalb Zeitungen und Zeitschriften für literarische Arbeiten, die von Menschen weiblichen Geschlechts geleistet wurden, mit Vorliebe Frauen an den Haaren herbeiziehen, um sie Kritiken verfassen zu lassen. Es gibt auch bekanntlich eine besondere Rubrik, Frauenbücher, genannt; spricht man aber von Männerbüchern? Gottlob ist das leider niemandem eingefallen, obgleich es ungemein lehrreich wäre, festzustellen, ob Männer die “Göttliche Komödie”, den “König Lear”, “Über allen Wipfeln ist Ruh” geschrieben haben, oder göttlicher Geist in Menschengestalt.*] (Lichnowsky, 1952, p. 150)

Mechtilde Lichnowsky não analisa, porém, por que razão os chefes de redacção masculinos de jornais procuram, de preferência, críticos femininos para obras femininas, e porquê, na realidade, não existem “livros de homens”: só um ser em posição dominante poderia designar esses livros como tais.

Mechtilde Lichnowsky é da opinião, que é o *Fachmann*, o “perito” ou o “especialista”, que domina, e não o homem *qua* sexo. Não chega à conclusão da existência de uma dominação masculina geral na sociedade, facto esse, que

⁸ Em qualquer altura, as obras da autora sofreram o mesmo destino; publicou entre 1913 e 1958, até a sua morte, e até os necrólogos são redigidos de forma sexualizada.

⁹ Mechtilde Lichnowsky apenas existiam frases bem construídas e frases mal construídas; *vd. Anlässlich einer Zeitungskritik* in *Der Plan* 2 (1948) pp. 396-398.

¹⁰ Mechtilde Lichnowsky antecipa, a meu ver, aqui a teoria de actos de fala de Austin e Searle. Num dos seus cadernos de trabalho, no Arbeitsbuch 28 [DLA, Nachlaß Mechtilde Lichnowsky 81.7610], por exemplo, encontra-se uma afirmação bastante clara acerca desta problemática.

¹¹ Trata-se de um dos poemas mais famosas de Johann Wolfgang von Goethe.

deriva, certamente, (mas não só) da sua própria origem social na classe dominante da alta nobreza de então¹².

Num autógrafo não publicado, a autora descreve, uma vez mais de forma satírica, a sua vida como uma “vida no fato errado”: o fato mal cosido nunca acerta e causa desconforto, ao longo da vida¹³. A questão, por muito que surpreenda, é mais do que actual, se observamos a moda da classe dominante: a imitação contínua de fatos masculinos por mulheres em cargos de chefia (por exemplo a chanceler alemã Angela Merkel) ainda em 2006, surpreende. Parecemos continuar a ler o texto de vestidos de forma sexuada, e parecemos aceitar, tacitamente, a dominação do corte masculino no poder¹⁴.

Gostaria de voltar, para finalizar, ao romance *Kindheit* [Infância], o ponto de partida das minhas reflexões: a jovem Christiane tem inveja da vida livre dos irmãos, ela detesta os sapatos de mulher e adora as “botas honestas” dos homens. Foge, na sua imaginação, para dentro do corpo de um cavalo, respectivamente de uma gata: através destas metamorfoses imaginadas foge da prisão do corpo feminino. Com frieza desmascara o autoritarismo, que reina no internato feminino e as consequentes privações culturais, descritas como repressão cultural, por exemplo em forma de uma “censura literária” praticada pela escola. É castigada pelas freiras educadoras: não tem sucesso escolar, quem se revolta contra a dominação. O romance em causa, designado como autobiográfico, foi escrito em 1934, por uma mulher mais do que madura, no exílio. É um documento para a educação sexuada dos finais do século XIX (tempo do romance).

O que tem um texto esquecido e uma autora esquecida a ver conosco? Com a questão da “educação e cultura” nos inícios do século XXI? Haverá, talvez, também indícios para uma ‘memória sexuada’?

Dos dezoito livros da autora, o romance em análise é o único, que se encontra no mercado de hoje. O “insucesso escolar” de Mechtilde Lichnowsky (Christiane) continua. A obra foi editada em “*Großdruck*” [impressão em caracteres maiores] – para Senhoras idosas com problemas de vista. Na capa, não se fala da revolta contra o autoritarismo da educação feminina. Num tom romantizante, a obra é apresentada como “Memórias de um mundo que já não existe, escritas por uma aluna de internato” [“*Lebenserinnerungen einer Internatsschülerin aus einer verschwundenen Welt*”].

A própria Mechtilde Lichnowsky, no seu papel como crítica à linguagem, tinha escrito: “Uma frase bem construída não tem nada a ver com o sexo do autor.” [“Ein anständig gebauter Satz hat nichts mit dem Geschlecht zu tun.”]. Mechtilde Lichnowsky tentou realizar o impossível, ou seja, dissolver o *paradoxon*: denunciar um mundo sexuado, que prejudica as mulheres pela educação feminina, e, simultaneamente, reclamar a abstracção total de uma leitura ou recepção sexuada de qualquer texto ou obra de arte.

Mechtilde Lichnowsky, a autora esquecida, fracassou. A insistência da autora no *gender discourse* na sua obra inteira (Emonts, 2005) está em plena contradição

com a uma das suas reivindicações principais: o artista e a obra de arte não têm sexo, respectivamente, género – em ambos os sentidos da palavra¹⁵.

Por outras palavras: uma das teses principais de Mechtilde Lichnowsky é, que uma leitura sexuada de textos causa o seu “insucesso escolar”. Os textos não são lidos pela sua substância, pelo seu conteúdo, e as suas inovações estéticas são interpretadas como imperfeições. Trata-se – e este é uma das minhas próprias teses prévias – de um círculo vicioso, de um círculo hermenêutico nefasto: como se protesta, com meios literários, contra uma educação sexuada sem provocar, de novo, uma recepção sexuada?

A recepção de textos continua a ser uma recepção sexuada¹⁶. Continua a existir uma assimetria entre qualidade e “sucesso escolar na realidade” e, como provam obras esquecidas de escritoras esquecidas de há 100 anos, o assunto não é nada de novo, e o *paradoxon* não foi resolvido até hoje. Porém, as razões para o esquecimento de obras literárias são múltiplas. As obras parecem causar algum desconforto (por exemplo: inquietação em relação aos papéis sociais), ou chocam pela sua não conformidade com o respectivo discurso de poder.

O projecto de recuperação de obras femininas, de um “outro modernismo” por exemplo, está em curso. Uma revisão profunda do cânone (do “sucesso escolar” literário) é necessário. Trata-se de um projecto europeu, se não mundial, e não se limita a um projecto germanístico. As escritoras em causa deixaram, na maioria dos casos, os países da sua língua materna, forçadas ou voluntariamente. A sua escrita *got lost*, como diz Bonnie Kime Scott:

«Interrupted careers, like interrupted influence, tell us a great deal about the politics of literary production, a politics we enter in our recovery work.»¹⁷

Convido todos, os que estão empenhados no âmbito de “Cultura e Educação” à participação nesta obra, porque a dicotomia descrita não foi resolvida, até hoje. A percepção do mundo de forma não sexuada é uma ilusão – nem sequer uma utopia. A construção de diferenças do género não vai desaparecer, assim como a construção de diferenças culturais e sociais. A questão parece-me ser mal formulada. A percepção e recepção sexuada e culturalmente condicionada de textos (no sentido semiótico largo de “texto”) são um facto inegável e inevitável.

Evitável, porém, é a discriminação, a aceitação tácita da dominação de determinados discursos de poder em relação a ambos os sexos. Não é pela negação da diferença que resolveremos o dilema, nem muito menos pela eternização da mesma. Se aprendermos, na construção permanente da nossa identidade, a aguentar, de forma pacífica e produtiva, a tensão inevitável entre (múltiplas) identidade(s) e (múltiplas) alteridade(s), através do amor pelo Outro, o Estranho – condição *sine qua non* para o amor próprio – nas suas dimensões clássicas de *caritas* e *eros*, venceremos, talvez, os desafios do século XXI, nos âmbitos da educação e da cultura. Este é o meu modesto *aperçu*, que aprendi com a leitura dos textos e da vida de Mechtilde Lichnowsky, uma personagem de “um mundo” que, apenas aparentemente, “já não existe”.

¹² Num manuscrito cedo não publicado, Mechtilde Lichnowsky desenvolve uma teoria retrógrada: *Sur l'intelligence de la femme e de l'homme* [DLA, Nachlaß Mechtilde Lichnowsky, 81.7560].

¹³ DLA, Nachlaß Mechtilde Lichnowsky, 81.7553.

¹⁴ Na televisão alemã, a moda dos locutores começou, em 2006, a diversificar-se: as notícias são comunicadas em pé, as mulheres locutores usam, frequentemente, roupa expressamente feminina, de cores vivas.

¹⁵ O tema da educação é um dos fios conductores da sua obra inteira; vd. Emonts 2005 e Fließbach 1970.

¹⁶ Interessante é o caso da escritora/do escritor austríaca/o Schuting, que mudou, recentemente, de “Juliane” para “Julian”, ou seja, adaptou um nome de autor masculino. Menciona a autora Mechtilde Lichnowsky por várias vezes nos seus escritos.

¹⁷ Scott 1990, 6s.

Referências bibliográficas

BADINTER, Elisabeth (1993). *YX A Identidade Masculina*. Porto, Edições ASA. [Originaltitel: *XY De L'identité Masculine*, 1992].

BOURDIEU, Pierre (1999). *A Dominação Masculina*. Oeiras, Celta Editora.

EMONTS, Martina (2005). *Mechtilde Lichnowsky – Sprachlust und Sprachkritik. Annäherung an ein Kulturphänomen*, Universidade da Madeira, Funchal [dissertação de doutoramento, no prelo].

FLIESSBACH, Holger, Mechtilde Lichnowsky als Erzieherin, für Michael Guttenbrunner zum 7. September 1970, in *Das Ziegenweib*, Wien, 4 (1970), H. 13, pp.1-5.
[P. Z.] Götter, Könige und Tiere, in *Neue Freie Presse*, Wien, 12.10.1913, Literaturblatt, 31.

PANTER, Peter [i.e. Kurt Tucholsky] Die ägyptische Königstochter, in *Die Schaubühne*, 28.8.1913 (= TUCHOLSKY (1960) GW, Bd. 1, 1907-1924, 82f.).

SCOTT, Bonnie Kime (ed.) (1990). *The Gender of Modernism, A critical Anthology*, Indiana University Press, Bloomington and Indianapolis.

Publicações de Mechtilde Lichnowsky com relevância para o tema:

Götter, Könige und Tiere in Ägypten, Illustrationen nach Zeichnungen der Verfasserin und photographischen Aufnahmen der Originale, Ernst Rowohlt, Leipzig, 1913.

Götter, Könige und Tiere in Ägypten, Kurt Wolff, Berlin, 1935.

Geburt, Erich Reiss, Berlin, 1921.

Der Kampf mit dem Fachmann, Jahoda & Siegel, Wien, Leipzig, 1924.

Der Kampf mit dem Fachmann, Bechtle Verlag, Esslingen, 1952.

Kindheit, S. Fischer, Berlin, 1934.

Kindheit, Fischer Taschenbuch Verlag, Berlin, 1996.

Anlässlich einer Zeitungskritik“ in *Der Plan* 2 (1948) 396-398.

Abreviaturas:

DLA: *Deutsches Literaturarchiv Marbach* [Arquivo da Literatura Alemã em Marbach, Alemanha]